

# Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

*José Elias Pinheiro Neto*

✉ joseeliaspinheiro@hotmail.com

## Resumo

Atualmente, é muito grande o interesse em estudar obras literárias analisando-as a partir de uma abordagem geográfica. Essa junção aparece como uma ideia primeira de valorização e recuperação de categorias da Geografia que estão descritas em fontes literárias, as quais demonstram como a vida humana é percebida em todos os lugares, sejam os que nos rodeiam ou os mais distantes de nós e, ainda, os que possamos imaginar. Em qualquer situação, é o sentimento de ver o mundo que dá subsídio ao escritor para criar e levar até o leitor a percepção da realidade. Esta imaginação cria experiências humanas com a natureza e dá ao geógrafo a construção de imagens mentais que influenciam na intrínseca relação entre o homem e o meio. Este trabalho descreve alguns aspectos da percepção da paisagem no poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto e publicado no ano de 1956. O texto cabralino narra uma história de saída do homem nordestino do sertão, interior do país, passando pelo agreste, para chegar até a zona da mata, lugar em que tenta buscar a sobrevivência e a tranquilidade úmida da vida.

\* \* \*

**PALAVRAS-CHAVE:** paisagem, Literatura, Geografia.

## Introdução

Existe uma relação muito forte entre a imagem e a experiência de vida daquele que decifra o que vê. A história que envolve toda sua trajetória no decorrer da existência é que constrói e seleciona, no homem, cada forma vista, para entender a imagem a ser decodificada. Aí estão entrelaçados os símbolos, percepções, as atitudes e os pensamentos que nunca serão iguais, nem mesmo para duas pessoas residentes na mesma localidade. Cada ser humano sente o mundo de maneira particular.

O termo paisagem vem sendo discutido desde o século XIX, quando a Geografia se institui como ciência. Foi a Geografia Cultural que se pôs a discutir o imbricar que resulta entre o natural e o cultural, as reações humanas diante da natureza. Aqui, antes de tudo, mister se faz explicar que a figura do homem está contida na natureza porque, antes de tornar-se o ser social que é, com relações entre seus pares, formando um contexto de sociedade, ele é animal, biológico; é, dessa forma, parte integrante do que se tem como natural.

Santos (1997), explicando sobre natureza social, escreve que as características humanas sobrepõem as físicas. O autor diz que “referimo-nos ao que podemos chamar de sistemas de natureza sucessivos, onde esta é continente e conteúdo do homem, incluindo os objetos, as ações, as crenças, os desejos, a realidade esmagadora e as perspectivas” (SANTOS, 1997, p. 15). Há o que ele chama de sobrenatural (não-natural), explicando que a natureza não está formada apenas pelo que se tem de físico, mas sobretudo e também pela interação com o ser humano.

Nosso estudo faz, não de forma aprofundada, algumas considerações sobre a percepção da paisagem, demonstrando a importância dessa categoria, numa abordagem literária para o estudo da Geografia. O texto propõe uma apreciação da poesia de João Cabral de Melo Neto. A discussão a ser feita, a partir de uma revisão da geografia da literatura que trata da percepção e da experiência subjetiva da paisagem, mostrará como Severino descreve as imagens e o meio social, antes vividos pelo poeta e depois pelo protagonista do poema dramático. Isso porque Severino descreve as paisagens vistas/sentidas pela concretude cabralina. Esse concretismo literário se dá em toda a construção poética de Melo Neto. Para o autor, o fazer poesia era como uma construção predial, por etapas, passo a passo; por esse motivo, poderia levar mais de um ano para finalizar um poema.

O que se busca com este texto é, além de mostrar a importância do estudo geográfico, tendo como aporte a arte literária, apontar que o poema de Melo Neto,

como objeto de pesquisa, assim como toda a sua poética, apresenta relações que aproximam a ciência da arte. Os trabalhos “desenham” o sertão nordestino: a seca, a caatinga, a monocultura, e ainda “pintam” as relações sociais advindas da força do sertanejo e do rio Capibaribe, a descida tanto do rio quanto do homem em busca de mais vida — provocando questionamentos, porque a cada medida vão se formando sucessivas paisagens.

Esse imbricar entre Geografia e arte já chama a atenção dos geógrafos há muito tempo, como bem nos ensinam Marandola Jr e Gratão (2010) — especialmente a Literatura tem sido o melhor aporte para esses cientistas, com o intuito de estudar categorias como região, paisagem e lugar, compreendendo-os sob a luz subjetiva dos escritores/poetas: “assim o fizeram John K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1947), para citar apenas alguns” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 8).

No Brasil, esse estudo também se desenvolve há alguns anos; entre vários trabalhos, podemos apontar alguns: Ferreira (1990) defende sua dissertação analisando, dentro da obra “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa, a percepção geográfica da paisagem dos gerais. Marandola (2007) traça o caminho percorrido por Severino, sua fuga da morte e a busca por mais vida. A autora faz um contraponto entre morte e vida, seca e água, comparando o rio com o homem, afirmando que “até os rios são severinos” (MARANDOLA, 2007, p. 85). Sousa (2008) analisa e faz uma apresentação da cidade de Goiânia, e como objeto para sua pesquisa utiliza a obra “Viver é devagar”, do goiano Brasigóis Felício. Por sua vez, Cirqueira (2011) identifica as paisagens na obra “Veranico de Janeiro”, do também escritor goiano Bernardo Élis. Ainda nesse sentido, apresentamos três obras que são especificamente direcionadas ao estudo em tela: “Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação”, organizado por Marandola Jr. e Gratão (2010); “Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos”, organizado por Alves e Feitosa (2010) e, por último, “Geografia, Literatura e Arte: reflexões”, organizado por Silva e Silva (2010). Todas essas obras apresentam trabalhos diversos que convergem para o mesmo tema: Geografia, Literatura e arte.

Abordamos o estudo geográfico da paisagem tendo como *corpus* a Literatura, e o autor escolhido para esta pesquisa é João Cabral de Melo Neto, que no ano de 1956 publica, dentro de seus textos, um dos poemas mais geográficos da literatura brasileira, intitulado *Morte e Vida Severina*. O texto é um auto de natal, escrito em versos, com marcantes características narrativas. Nessa obra, o autor descreve a jornada de Severino, que sai do interior do sertão brasileiro, passando pelo agreste, até chegar à zona da mata. Nesse périplo, depara-se com as mais variadas paisagens

e as demonstra pelo caminho, na fala dos personagens. O autor aproveita para, já naquela época, denunciar a grilagem e o abuso dos grandes na tomada da terra daqueles que conseguiam apenas arrancar um roçado das cinzas. A seguir, apresentaremos um breve estudo sobre a relação entre Geografia e Literatura, para então identificarmos no texto cabralino a categoria geográfica no nordeste brasileiro.

### A Literatura como *corpus* para o estudo da Geografia

A Geografia, em suas categorias que a sustentam enquanto ciência, não está impedida de fazer uma ponte com as outras áreas de conhecimento, como a arte, ou ainda com outras ciências, objetivando dinamizar e compreender melhor seus procedimentos sob diversas abordagens. A arte enquanto mimese aproxima-se do real, mesmo resultando da ficção, como é o caso da Literatura. Essa realidade é fruto das relações, sejam elas culturais, sociais, econômicas, entre outras, que ocorrem entre os seres. “Por isso a ficção é tanto mais real quanto mais for ficção, fingir é revelar” (CASTRO, 1999, p. 48).

Nesse sentido, podemos entender que a Literatura é um dos caminhos para se compreender o mundo, perceptível na forma com que lida com os diversos aspectos da vida do homem; um desses aspectos é o espaço, tanto fictício quanto real. Por meio das ações e sentimentos do personagem ficcional, podemos perceber a relação existente entre o homem e o lugar em que vive. Essas relações, na formação do espaço geográfico, são partes integrantes do imbricar que o indivíduo e/ou grupo sentem do lugar em que estão/estiveram.

Esse sentimento é despertado pela percepção social que forma as representações das paisagens ou de imagens filtradas pela percepção humana, que está diretamente ligada às experiências vividas. Então a Geografia pode, sem diminuir sua essência, sem perder seu teor científico, aportar na Literatura, com o objetivo de buscar outras fontes para a identificação de suas categorias. É uma transdisciplinaridade de grande relevância, na qual o pesquisador constroi e identifica o espaço e a paisagem real, coletando informações preciosas em obras ficcionais.

Isso se dá porque o texto está além do escritor. Reflete seus (des)sabores, como bem nos ensina Suzuki (2010), ao tomar como objeto de sua pesquisa a poesia de Carlos Drummond de Andrade para estabelecer uma relação existente entre modernidade, cidade e indivíduo. No trabalho, o referido autor analisa a composição do ser e de suas partes no contexto citadino a partir do poema “A Rosa do Povo”. Nesse sentido, escreve que:

Temos como referência a noção de poeta como sujeito ficcional, em que se mesclam elementos próprios da história pessoal do intelectual (o indivíduo histórico) e os inerentes à construção da obra poética. [...] A leitura da obra poética em si e em suas mediações com a história pessoal do escritor e a história da cidade em que viveu, cujos vínculos foram sendo construídos na história de um e de outro (SUZUKI, 2010, p. 247).

A Geografia está presente nas manifestações artísticas, tanto quanto a História, a Filosofia e as demais ciências. É bastante comum avaliarmos as viagens, as relações ou as representações sociais descritos na arte — como, por exemplo, ao discutirmos a formação territorial do Rio Grande do Sul em *O Tempo e o Vento*, escrito por Érico Veríssimo. Os textos transcendem suas capas e o próprio homem em constante evolução. Como afirma Fuentes (2007, p. 189), “a geografia do romance nos diz que a nossa humanidade não vive na gelada abstração do separado, mas no latejo cálido de uma variedade infernal que nos diz: ‘Não somos ainda. Estamos sendo’”.

A Literatura abre objetos que embasam a construção científica do conhecimento. Forma novos ares a serem respirados na junção de novas ideias, novas objetividades. O que nos remete à utilização do texto literário, como objeto de pesquisa, para a ciência geográfica. Chave mestra nesse contexto é a percepção, porque a “[...] imaginação redimensiona as realidades, reconstrói o mundo e a relação do ser humano com ele e faz emergir a imagem poética da alma e do coração do ser humano” (ARAÚJO, 2010, p. 35). A ficção e a realidade são aproximadas pela Literatura. E a subjetividade, no entender das questões analisadas, aporta subsídios perceptivos ao analista para compreender seu objeto de pesquisa.

O *corpus* resultante da experiência emitida pelo escritor carrega em seu bojo uma transmissão subjetiva de seu conhecimento, trazendo à vida uma relação entre o homem/personagem e o mundo que o rodeia. Essa relação nos permite ampliar a compreensão de abordagens em vários aspectos do cotidiano humano, quais sejam: cultural, natural, social, econômico, entre outros. Dentro desses aspectos é que podemos identificar fenômenos a serem filtrados pelo leitor e aproximar a percepção de categorias geográficas estudadas a partir do texto literário. Isso porque

As obras literárias, mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia inoficial. Na medida mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhes permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial, comprometida com

as omissões, cortes e deformações que as relações de produção lhes impõem (KOTHE, 1976, p. 78).

Geografia e Literatura. Essa aproximação apresenta fenômenos, aportes e/ou fundamento epistemológico que vão embasar o presente estudo — o filtro realizado pelo pesquisador, subjetivo, que dá, através da Literatura, a experiência de mundo. E, como agente modificador da paisagem, “[...] o homem utiliza a percepção para analisar a própria ação” (PINHEIRO NETO; CAVALCANTE, 2010, p. 135). Ainda nesse sentido, Gratão, ao fazer um estudo da poética da cidade, afirma que ela

não é a mesma para aqueles que chegam e a veem do alto do Planalto, do topo da Serra Dourada ou das margens do Rio Vermelho, ou para cada um de seus habitantes que (per)correm por cada um dos seus becos. Ela é experienciada e vi(vi)da de maneira diferenciada por cada um que mora e vive na cidade (2010, p. 313).

A autora justifica sua assertiva no sentido de buscar no imaginário fatos reais ou existências ficcionais, onde a arte corre ao encontro, em sua experiência, das realidades de uma cidade. “Um descobrir experiencial e vivencial que (des)vela as ‘coisas mesmas’ no espaço existencial” (GRATÃO, 2010, p. 313). Um caminho desafiador das “gavetas” tradicionais do conhecimento, descobrindo novos caminhos a serem trilhados na busca da realidade estrutural da ciência geográfica. A poética de Melo Neto demonstra um caminho geográfico, e ainda mostra as subjetividades da percepção da paisagem, que se dá pelo autor do poema, pelo protagonista e pelo leitor — este último reescreve a obra, no sentido de, também, apresentar suas considerações sobre a percepção da realidade “ficcional” analisada.

Para Feitosa, “perceber a paisagem significa uma maneira de ver, de compor o mundo externo numa 'cena'. [...] A paisagem configura-se como uma marca, dado que expressa não só uma civilização, [...] participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação” (2010, p. 164). A percepção revela o homem que a descreve, tanto o escritor quanto a imagem descrita, porque ela “constitui um documento chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado” (CLAVAL, 2001, p. 14).

Por último, vale mencionar a concepção dada por Feitosa (2010) sobre a percepção da paisagem. O autor escreve que esta é, para os animais, resposta às cenas e visões que são captadas por um ou mais sentidos. Ele continua afirmando que em nós, seres humanos, a percepção da paisagem está coberta por “características particulares, em face dos atributos e da intencionalidade do receptor, podendo se constituir em um simples registro ou implicar desdobramentos sucessivos pelas relações suscitadas” (FEITOSA, 2010, p. 36). São

aspectos importantes para a formação de um todo os sentidos que moldarão o leitor na formação das paisagens.

O recurso textual como fonte do estudo científico é uma ponte entre o escritor e o leitor que recebe uma informação da realidade de pessoas ou coisas que, depois de criadas e/ou personificadas, fazem parte do universo. Existem como produto de uma profunda análise sensitiva que se rompe no momento final da obra. É preciso um estudo temporal e espacial com o intuito de identificar o espaço do que foi criado, com a representação da realidade dando ao leitor recursos concretos que devem ser estudados, num processo dicotômico entre o espaço e o tempo. Isso pois “não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço” (SAUER, 1998, p. 42). Faremos, agora, uma breve apresentação da obra e do autor analisados para entendermos a razão pela qual é conhecido como o poeta do concreto e realiza uma poética com aspectos geográficos.

### ***Morte e Vida Severina* e o autor**

O livro *Duas águas* foi publicado pela primeira vez em 1956, e nele está inserido *Morte e Vida Severina*. O poema está dividido em 18 trechos, ao longo dos quais o protagonista Severino descreve um rosário, mostrando uma enorme jornada que sai da nascente do rio Capibaribe até seu encontro com o mar e a chegada na cidade de Recife. Já existem vários estudos sobre o poema, tanto na parte literária quanto na Geografia. Vejamos alguns deles.

Em um estudo sobre o conceito de região, Oliveira e Machado (1971) utilizaram o recurso literário para analisar como o aluno do segundo ano colegial, naquela época, hoje conhecido como Ensino Médio, entendia essa categoria; e também como ele identificava e relacionava o espaço geográfico com outros conceitos estudados, mesmo expressos numa linguagem poética, dentro de um contexto espacial e temporal. O poema utilizado foi *Morte e Vida Severina*. Como resultado, os alunos conseguiram acompanhar a caminhada de Severino, desde o sertão até o litoral, identificando e relacionando o espaço geográfico expresso numa linguagem poética, porém dentro de um contexto espacial e temporal.

Na Literatura, uma análise da estrutura do drama cabralino feita por Oliveira (1994) mostra bem essa capacidade do poeta em assimilar a produção literária da tradição e inová-la, colocando em questão a poesia. Retomando a tradição, Melo Neto rompe com a mesma para recriar uma nova forma de expressão. O uso concomitante de várias formas clássicas, como aponta o trecho acima, atualiza a tradição e cria uma nova categoria genérica, bem própria da pós-modernidade.

Afinal, o autor foi considerado pela crítica um dos maiores poetas brasileiros da segunda metade do século XX.

Galve (2006) trata, em sua pesquisa histórica sobre o poema, das memórias poéticas de Melo Neto, “brincando” no título “Ser(tão) Severino”. De acordo com a autora, o rio Capibaribe executa todo o seu percurso, preparando-se para uma grande batalha contra o mar. O rio barra o oceano que tenta destruir o mangue, e nessa luta é humanizado, pois suas águas, de ralas, se tornam densas como o sangue de um homem. Em todas as “Ave-Marias” o rio traça uma paisagem geográfica, fundindo-se com as pessoas em cada passagem: “e o rio e o homem terminam por afogar-se e diluem as suas diferenças em nome da declaração da mesma homilia da paridade” (GALVE, 2006, p. 137). Sua coletividade pode ser entendida como o renovar da esperança, na medida em que banha várias cidades, vilas e arruados, seguindo firmemente seu curso até a última Ave-Maria.

Marandola (2007) faz uma pesquisa em que analisa os caminhos de morte e de vida do rio e de Severino. A autora escreve que, em sua travessia, o protagonista percebe todas essas paisagens oferecidas pelo rico caminho pernambucano, dizendo que

o caminho de Severino é do interior para o litoral, para a capital. Como diz João Cabral, Recife é o depositário de toda a migração do Nordeste. É para lá que todos os severinos buscam fugir da morte. E o leitor encontra este Severino saindo do sertão, iniciando seu caminho em direção ao Recife, tentando, por cada lugar que passa, ficar, trabalhar, viver. Mas como já foi dito, todo o caminho é de morte, e ele segue seu curso, acompanhando o Capibaribe, até sua foz: o encontro com o oceano em Recife (MARANDOLA, 2007, p. 83).

A autora revela, apontando no périplo, a fuga da morte com a busca pela vida, porque em todos os lugares por onde Severino passa, tenta trabalhar, prolongando o seu deslocamento e sua travessia existencial. Ensina ainda, dentro do dualismo descrito sobre o rio e a seca, que “neste caminho, até os rios são severinos. A água é, sem dúvida, elemento central que permeia ‘Morte e Vida Severina’, não apenas na sua presença, mas principalmente em sua ausência” (MARANDOLA, 2007, p. 85). Nesses aspectos, Severino percebe as paisagens por onde passa: vida/morte; seca/água; arvoretas/cana/cacau e pobreza/riqueza. Identifica, em sua experiência, a transformação sofrida, pelo que se vê, com a proximidade do mar e a intromissão humana.

Outro autor que trabalha o poema é Godoy (2009), que escreve que nessa obra “Cabral irá operar um processo em que a palavra, a partir de seu teor original,

passa a exprimir outros significados” (2009, p. 61). Com isso, o pesquisador afirma que a obra atinge sua maturidade estética, apresentando seu rígido estruturalismo em falar poeticamente da Geografia do rio, do homem e das cidades pernambucanas — o escritor levou às últimas consequências o sentido lógico da poesia.

*Morte e Vida Severina* tem como subtítulo “Auto de natal pernambucano” e remonta à transposição do nascimento de Cristo para os manguezais do Recife, atualizando o gênero e dando ao auto uma nova dimensão estética. Longe de tratar da temática religiosa, o poeta se prende ao social e ao político, denunciando as mazelas do povo pernambucano. O sentido de religiosidade, próprio de um auto, encontra-se na gênese da vida que se renova a cada dia, a cada nascimento. Cada criança que vem à luz é a representação de um novo Cristo, que nasce para a remissão dos pecados da humanidade. Nessa perspectiva, o ato final do drama cabralino é o grito de esperança da humanidade, a possibilidade de bonança na vida de cada Severino que empreende sua travessia pela aridez existencial.

Oliveira (1994) descreve a trajetória intelectual vivida por João Cabral de Melo Neto<sup>1</sup>, que nasceu na cidade do Recife, estado do Pernambuco, no dia 9 de janeiro de 1920, filho de Antônio Cabral de Melo e Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo. Sua infância passou nos engenhos de açúcar em São Lourenço da Mata e Moreno. Em 1940, participa de um Congresso de Poesia na capital pernambucana apresentando o texto *Considerações sobre o poeta dormindo*. Tomando de empréstimo as palavras de Oliveira (1994, p. 16), de que Cabral “reflete o fazer dos grandes

---

1 Dentre suas principais obras, estão o seu primeiro livro, intitulado *Pedra do sono, Os três mal-amados, O engenheiro, Psicologia da composição, O cão sem plumas, O rio, Quaderna, Dois parlamentos, A educação pela pedra, Crime na calle relator, Auto do frade*, e em 1988, no Recife, lança a antologia *Poemas pernambucanos* e o segundo volume de poesias completas *Museu de tudo e depois*. Foi embaixador, Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pela Universidade Federal do Pernambuco, chefe de gabinete do Ministro da Agricultura. Entrou para a Academia Brasileira de Letras e em 1990 aposenta-se como embaixador; publica *Sevilha andando* — “de modo novo retoma temas antigos, porque Sevilha foi a cidade com que sempre se identificou, a ponto de dizer que é preciso ‘sevilhar’ o mundo” (OLIVEIRA, 1994, p. 23). Nesse ano, entra para a Academia Pernambucana de Letras e recebe vários prêmios literários. Ainda na década de 1990, o autor revela que pararia de escrever. Sofria de uma doença degenerativa que não tinha cura e uma interminável dor de cabeça. Entra então em cena sua esposa, que reproduz alguns de seus textos, principalmente com o intuito de livrá-lo da depressão. Dentre os principais prêmios recebidos destaca-se o “Luís de Camões”, que é tido como o mais importante concedido a escritores da Língua Portuguesa, e o Jabuti. Morre aos 79 anos de idade, em 1999, um dos maiores poetas brasileiros, aquele que soube falar sabiamente da morte ainda em tenra idade, principalmente da morte severina, retirante, bravamente combatida por fortes homens (PINHEIRO NETO; CAVALCANTE, 2009).

escritores ou artistas plásticos do nosso tempo”, é que passaremos à análise de seu “Auto de natal”.

### A paisagem em Severino

Fazer uma análise geográfica tendo como *corpus* a Literatura, a partir da definição de paisagem, parece complexo. Porém há uma abertura que a categoria permeia no seio da ciência e da arte. Isso corrobora a importância e a busca de outros profissionais pela Geografia, tais como os das áreas de Letras, História, Sociologia, Filosofia, entre outros, e vai além, auxiliando no entendimento da relação entre homem e natureza, e ainda de suas transformações no ambiente. Na poética de Melo Neto existe uma humanização da paisagem, e em contraponto a essa assertiva há uma naturalização do homem.

A abordagem da paisagem tendo como recorte uma obra literária pode ser realizada, uma vez que o estudo nesse âmbito traz à Geografia importante contribuição, que corrobora para reflexões no contexto de uma perspectiva experiencial. Os textos de Melo Neto são “construídos” a partir de uma concretude literária. Para o escritor, poesia pode ser feita com palavras como “nuvem”, “pedra”, “sono”, “cidade”. São inspirações com características pouco utilizadas para se fazer poesia, mas elas despertam no pesquisador o sentido perceptivo de categorias geográficas analisadas no plano ficcional.

A transformação da espacialidade é resultado das percepções das paisagens vividas. E quando apontamos a paisagem em Severino, estamos também descrevendo que ele a “vê” e a sente. O texto, em análise, mostra o vislumbrar de um local altamente seco, com uma vegetação de pelos que arranham: duros e espessos. Concomitante a isso, uma estrada por onde o protagonista caminha — mas que, na verdade, trata-se do curso de um rio naquele momento de seca, pela sua intermitência, não conseguindo o protagonista cumprir seu objetivo maior, que é o de levar a vida. Tampouco cumpre o objetivo de encaminhar-se ao seu destino final na busca pela sobrevivência, assim descrito pelo autor do poema:

Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora

que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta,  
com pernas que não caminham.  
(MELO NETO, 1956, p. 180).

A percepção do protagonista é mostrada no texto por intermédio de suas palavras, nas quais o leitor percebe a vegetação nordestina com arvoretas espinhosas e secas. Nesse “perceber”, Severino retrata a imagem da caatinga e se aproxima do rio cada vez mais, dando a ele características humanas. Na comparação, ele coloca “pernas” no rio para identificar seu corte, sua intermitência. Naquela localidade, partida da saga, é comum, pela escassez de água, o rio interromper sua descida. Contudo, tanto o homem naturalizado quanto o rio humanizado lutam em busca da sobrevivência.

Existe nos dois seres um enfrentamento com a dureza do sertão, desde seus nascimentos na “Serra da Costela”. Eles se desenvolvem numa mesma luta severina, buscando sempre melhores dias; Severino para melhor viver e o rio Capibaribe para sua sina final, o encontro com o mar. Diz a lenda pernambucana que o rio Capibaribe se junta ao rio Beberibe para, os dois em plena harmonia, formarem o Oceano Atlântico. Nessa perspectiva, o homem e o rio, na mesma luta, traçam seus destinos. Essa concatenação do natural com o humano os fortalece para que consigam alcançar seus sonhos, e ainda para que possam neles desvelar imagens ficcionais apresentadas no poema.

Essa hibridização do homem com o rio é apontada por Gratão (2002), que escreve que a compreensão subjetiva das imagens, aliada à identidade, direciona um possível imbricar com o rio — o homem e a água estão direcionados no mesmo sentido perceptivo da paisagem. Essa junção “simboliza a comunhão terra-água, a convivência e a simbiose de dois ambientes diferentes, encarnados em um único corpo, formando um novo ambiente” (MARANDOLA, 2007, 104), aproximando homem e natureza como formadores e identificadores da imagem ficcional “criada” pelo escritor.

Caracterizamos a percepção subjetiva da paisagem pelo protagonista do poema *Morte e Vida Severina*, apresentando a terra, a água, o cheiro, suas lembranças e todos os requisitos básicos para se identificar a paisagem vivida pelo protagonista do poema. Esse sentimento é descrito por Ferreira, que o explicitando escreve que

Portanto, a paisagem é percebida geograficamente, não como um mundo único e objetivo, mas sim, em termos de uma percepção que busca interpretar a integralidade do sentido de espaço/mundo vivido, como também daquilo que constitui a natureza especial das atitudes e intenções humanas, envolvidas nas dimensões da experiência (FERREIRA, 1990, p. 160).

Essa junção traz uma contribuição de experiência vivida para a ciência geográfica e pode, a partir de quem observa, imbricar os conhecimentos físicos aos que são subjetivos no ser humano, estes que nos dão a capacidade de (des)gostar, e ainda de melhor sentir o estado da alma, utilizando-nos de todos os aparelhos sensoriais. Borges Filho afirma que

o ser humano se relaciona com o espaço circundante através de seus sentidos. Cada um deles estabelece uma relação de distância/proximidade com o espaço. Portanto, efeitos de sentidos importantes são manifestados nessa relação sensorialidade-espaço (2009, p. 169).

Severino, sem mais esperança de sobrevivência em sua terra natal, o sertão, busca na zona da mata, terra menos dura, uma vida que lhe seja menos severina. Nesse trajeto, passando pelo agreste, apresenta a aspereza da terra a ser lavrada pelo sertanejo, quando um diálogo é estabelecido com uma mulher que estava em uma janela. Ele, para identificar-se enquanto lavrador, aponta a capacidade de cultivar mesmo em calvas pedras. Nesse momento, o leitor percebe que o conhecimento adquirido não pode ajudá-lo na lida com a terra, porque pouca terra existe para lavar. Porém vale pela representação da diferença perceptiva entre o que se vê agora e o vivido no sertão:

- Muito bom dia senhora,  
que nessa janela está.  
Sabe dizer se é possível  
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta

a quem sabe trabalhar  
O que fazia o compadre  
na sua terra de lá?  
- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má.  
Não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.  
- Isso aqui de nada adianta,  
pouco existe o que lavrar  
Mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?  
- Também lá na minha terra  
de terra mesmo pouco há.  
Mas até a calva da pedra  
sinto-me capaz de arar.  
(MELO NETO, 1956, p. 185).

Severino busca uma nova forma de vida, e que esta lhe seja mais segura financeira e qualitativamente. Consegue trabalhar em terra dura e agora, então, seria bem mais fácil. Apresenta o saber cultivar em qualquer tipo de terra, retomando a dureza vivida no sertão com o trabalho duro em suas “calvas pedras”. A análise geográfica da literatura transforma em imagem as palavras do protagonista, revelando, a cada momento, uma nova paisagem. No caso do poema *Morte e Vida Severina*, além de uma aproximação íntima, de uma cumplicidade entre o homem e o rio, desvela-se a sensibilidade humana na busca pela sobrevivência. Tanto o homem quanto o rio saem do interior pernambucano, castigados pela seca, em busca de melhores dias. No texto, são dados para a paisagem valores da emoção, do humano, assim como também se apontam características humanas para o natural, como no termo “calvas pedras”.

A descrição da paisagem no texto inicia-se nas primeiras falas do personagem protagonista, ao identificar-se. Por ser um dentre muitos severinos, filho de várias marias e de tantos zacarias, ele vem da “Serra da Costela, limite da Paraíba”. Dessa

feita, podemos identificar, geograficamente, o local de origem de Severino, podendo mapear o seu percurso até o Recife. Logo na segunda parte, ao deparar-se com um funeral, temos a delimitação da paisagem nordestina, caracterizada pela caatinga. “- Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, / onde uma terra que não dá / nem planta brava” (MELO NETO, 1956, pp. 174-175). E assim segue, sucessivamente, até o final. A paisagem, a cada momento, representa o homem e retrata a dureza da vida. Há uma harmonização entre o homem e a natureza.

Saindo da seca, o protagonista encontra o mangue, que pulula de vida. Nessa nova paisagem a vida impera, suplantando a morte e dando esperança de dias melhores. O rio não tem outra saída. Ele é, assim como os retirantes que buscam melhor vida, atraído pela mesma esperança, fugindo da dureza que viveu no início da jornada, lá no sertão. Sua sina é o mar, ele sabe que precisa cavar a terra, traçar caminhos, mesmo que tortuosos, para cumprir seu destino. Assim como o rio, o homem caminha em direção ao litoral em busca de um pouco de vida, menos seca, mais molhada. O sal do mar, que se confunde com o sal de seu suor, poderá ser o alimento da alma e do corpo. Por isso, a esperança caminha junto com esse rio/homem ou com esse homem/rio, fazendo-o acreditar em dias melhores.

Os dois representam a natureza dura do sertanejo, estão sozinhos em suas grandes buscas. Sofrem as mesmas agruras impostas pela seca. Esse aproximar, essa intenção de natural/humano pode nos dar percepções da poética cabralina sustentada no concretismo literário. Isso porque ele pinta as arvorezinhas espinhosas, o rio ou a falta dele, os canaviais, o mar, dentre outros. A serra tem “costela”, assim como os humanos, é “magra” e “ossuda”, e Severino apresenta-se em suas descrições com as mesmas características: “no mesmo ventre crescido / sobre as mesmas pernas finas” (MELO NETO, 1956, p. 172). O homem coloca-se num patamar igualitário com a natureza, com a intenção de individualizar-se. Contudo, eles se confundem e se identificam, não somente entre si, mas com todos os lutadores sertanejos, e com isso aumentam suas forças, na batalha vital, havendo sempre razão para se viver, como mostra o poema:

- Todo o céu e a terra

lhe cantam louvor

Foi por ele que a maré

Esta noite não baixou.

- Foi por ele que a maré

Fez parar o seu motor.  
A lama ficou coberta  
e o mau-cheiro não voou.  
- E a alfazema do sargaço,  
Ácida, desinfetante,  
Veio varrer nossas ruas  
Enviada do mar distante.  
- E a língua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lodaçal.  
- Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
E cada casa se torna  
num mocambo sedutor.  
(MELO NETO, 1956, p. 211).

A partir do nascimento, o poema muda de tom, e o que antes era tristeza e morte transforma-se em exuberância, alegria e vida. A paisagem, sob uma perspectiva romântica, de que a natureza retrata o sentimento do homem, ou ainda de que o homem vê a natureza de acordo com seus sentimentos, torna-se dadivosa: a maré não baixa, o mau cheiro não “voa” e o rio enfeita-se de estrelas:

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar o seu fio  
(que também se chama vida),  
ver a fábrica paciente  
que ela mesma se fabrica,  
vê-la surgir como há pouco

em nova flor explodida.  
(Mesmo quando é tão pequena  
a explosão ocorrida.  
Mesmo quando é explosão  
como a de há pouco, franzina.  
Mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina).  
(MELO NETO, 1956, pp. 221-222).

A paisagem descrita por Severino vai se alterando, à medida em que ele rompe o caminho — uma mudança real da paisagem, que nem sempre é a mesma, que se altera e se renova. Mas essa mudança também se faz pelo estado de espírito do personagem, pois os seus sentimentos também se alteram, influenciando a percepção dos espaços.

A vivência do protagonista mostra que a paisagem pode, também, ser resultado da ficção, apresentando as diversas faces e experiências que o homem nordestino viveu naquela época. O retirante, para fugir da seca, podia, ainda, fazê-lo tecendo um rosário por várias cidades, sabendo que todas estavam dentro do nordeste, diferentemente de novos tempos em que o nordestino busca melhor vida no sudeste brasileiro.

### Reflexões finais

Uma obra literária descreve a expressão de um tempo, reflete a experiência do escritor em relação ao espaço por ele vivido. Ela representa tudo o que o autor percebeu, sentiu, imaginou, viu ou interpretou dentro de seu cotidiano. Real ou imaginário. História ou estória. Verdade ou criação. Todas essas abordagens não limitam as características da arte literária. A arte influencia e, ao mesmo tempo, é influenciada pela sociedade, transformando as paisagens e colaborando na formação do espaço poético.

Aquele que lê revive todos os sentimentos de uma determinada época, sentindo a experiência dos aspectos vividos pelos personagens em uma determinada localidade, real ou fictícia e, mais uma vez, participa da construção do que se faz enquanto marco histórico na vida social. Estudar a Geografia através da Literatura é uma forma de apresentar ao mundo uma nova realidade. Como bem ensina

Frémont (1980), é o alvorecer de uma nova Geografia, não havendo mais barreiras entre as cátedras, que, contudo, continuam com suas essências. Dessa forma, o geógrafo abre-se ao mundo literário e a arte, assim como o literato conhece o mundo geográfico.

No poema *Morte e Vida Severina*, o autor descreve, como ensina Almeida (2003), uma geografia literária. Fisicamente, retrata a vegetação, a hidrografia e o solo da paisagem nordestina brasileira e continua com a subjetividade do pensamento de Severino. Sob esse prisma, firma-se um imbricar entre as ciências de Letras e Geografia, que é de grande relevância para se entender o processo de percepção geográfica da paisagem. Ao analisar uma obra literária, retirando dela suas características e categorias geográficas, concedemos uma visão diferente da clássica aos sentidos da percepção da imagem.

No poema em estudo, foi apresentado um recorte revelando a viagem de Severino. O trajeto está recheado de uma atmosfera carregada de dualidade, além da morte e da vida: trata também da seca e do rio, da vegetação nativa e da intromissão da monocultura, da carência social e daqueles detentores do poder econômico. Na travessia, o protagonista se percebe, relatando todas essas paisagens oferecidas pelo caminho pernambucano. Nesses aspectos, Severino identifica-se às paisagens por onde passa e as relata como vida/morte e seca/água, caracterizando, em sua experiência, a transformação sofrida, pelo que ele viu e sentiu ao longo da caminhada.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. De; RATTS, A. J. P. *Geografia: Leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ARAÚJO, Heloísa Araújo de. Geografia e Literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: Edufba, 2010.
- BORGES FILHO, Ozires. Espaço, percepção e literatura. In: BORGES FILHO, O.; BARBOSA, S. Poéticas do espaço literário. São Carlos: Claraluz, 2009.
- CASTRO, Manoel Antônio. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Rogel et al. (orgs.). *Manual de teoria literária*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. As paisagens de Bernardo Élis na Obra Veranico de Janeiro. *Ateliê Geográfico*, v. 5, n. 3. UFG, 2011.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- FEITOSA, Antonio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, I. F.; FEITOSA, M. M. M. *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A percepção da paisagem na literatura africana de língua portuguesa: o romance terra sonâmbula, de Mia Couto. In: ALVES, I. F.; FEITOSA, M. M. M. *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.
- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos gerais no "Grande Sertão: veredas"*. 1990. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- FUENTES, Carlos. *Geografia do romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

- GALVE, Fernanda Rodrigues. *Ser(tão) Severino: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)*. 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- GODOY, José Roberto Araújo de. *Dois cães como objeto: elementos surrealistas em João Cabral de Melo Neto. Aproximações com o cinema*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- GRATÃO, Lúcia H. B. *A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!*. 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GRATÃO, Lúcia H. B. *Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina*. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia & Literatura: Ensaio sobre geografcidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.
- KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- MARANDOLA, Janaina de Alencar e Silva. *Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia, poética e imaginação*. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia & Literatura: Ensaio sobre geografcidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.
- MELO NETO, João Cabral de. *Duas águas (Poemas Reunidos)*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1956.
- OLIVEIRA, Lúcia de; MACHADO, Lucy Marion. Um estudo sobre a aprendizagem de região. *Boletim de Geografia Teorética*, n. 2. AGETEO: Rio Claro, 1971.
- OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: breve introdução a uma leitura de sua obra. In: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. O espaço e as mortes em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*. v. 1, n. 13, 2009.
- PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. Considerações sobre o conceito de paisagem: uma abordagem literária nos aspectos geográficos. In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: Edufba, 2010.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAUER, Ortwin Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. *Geografia e Literatura: apresentação de Goiânia em fragmentos de "Viver é Devagar" de Brasílois Felício*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- SUZUKI, Julio Cesar. O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de "A rosa do povo". In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia & Literatura: Ensaio sobre geografcidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

## Sobre o autor

*José Elias Pinheiro Neto*: Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, campus Catalão. Com pesquisa voltada ao estudo da paisagem na literatura cabralina. Membro do grupo de pesquisa Geografia, Literatura e Arte (GEOLITEART).

\* \* \*

### ABSTRACT

#### Geography and Literature: the geographical landscape and fiction in *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto

Nowadays, the interest in studying literary works by analyzing them from a geographical way is very significant. This junction shows up as an idea of recovering geographical categories that are described in literary sources, which show us how human life is seen everywhere, those around us or the farthest from us, and yet those who one can imagine. In any situation, it is the feeling of seeing the world that makes allowance for the writer to create and brings us to the reader's perception of reality. This imagination creates human experiences with nature and gives the geographer the construction of mental images that influence the intrinsic relationship between man and environment. This paper describes some aspects of landscape perception in the poem *Morte e Vida Severina*, written by João Cabral de Melo Neto and published in 1956. The text tells a story of Cabral's exit from the Northeast of the countryside, passing through the Wasteland to get to the zona da mata, a place where he tries to seek survival and humid tranquility of life.

**KEYWORDS:** landscape, Literature, Geography.

### RESUMEN

#### Geografía y Literatura: el paisaje geográfico y la ficción en *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto.

Actualmente, es muy grande el interés en el estudio de obras literarias, analizándolas desde un sesgo geográfico. Esa unión se presenta como una primera idea de la valorización y de la recuperación de categorías de la Geografía que se describen en las fuentes literarias, que muestran cómo la vida humana se ve en todas las partes, sean los que nos rodean o los más lejano de nosotros, y aún los que podamos imaginar. En cualquier situación, es la sensación de ver el mundo que da subsidio al escritor para crear y llevar hasta el lector la percepción de la realidad. Esa imaginación crea la experiencia humana con la Naturaleza y da al geógrafo la construcción de imágenes mentales que influyen en la relación intrínseca entre el hombre y el medio ambiente. Este artículo describe algunos aspectos geográficos de la percepción del paisaje en el poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto y publicado en 1956, que narra una historia de la salida del hombre del nordeste del "sertão", interior del país, pasando por el agreste, para llegar hasta la zona da mata, un lugar en que intenta buscar la supervivencia y la tranquilidad de la vida húmeda.

**PALABRAS CLAVE:** paisaje, Literatura, Geografía.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Artigo recebido em maio de 2012. Aprovado em agosto de 2012.